

A HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS NOS LIVROS DIDÁTICOS USADOS PELAS ESCOLAS PÚBLICAS DE IVAIPORÃ E REGIÃO NA ÚLTIMA DÉCADAS.

Autores: Ligiani Cristine S. Pereira
Tháísa Luzeti Lunardello
Universidade Estadual de Maringá (CRV)

Resumo

A pesquisa analisa como os livros didáticos de História utilizados em escolas da rede paranaense na região do Vale do Ivaí abordam a história dos Estados Unidos. Como é sabido, a enorme importância internacional desse país no século XX implica em sua grande presença nos temas ligados à história contemporânea. Entretanto, a partir de uma leitura preliminar de livros didáticos usados pelas escolas públicas paranaenses pudemos observar que essa presença internacional contrasta com uma ausência importante no que diz respeito à história interna estadunidense.

Essa situação tende a culminar na predominância de uma visão distorcida e incoerente da história desse país, por meio da qual a imagem de “super -potência econômica” – e todo um imaginário em torno dessa caracterização – tende a ofuscar o fato de que a constituição histórica desse país foi marcada por inúmeras contradições internas que conservam efeitos ainda atuais, como é o caso das historicamente complexas relações entre diferentes grupos étnicos em seu território.

Assim, o foco da pesquisa foi analisar quais são as representações sociais em dos Estados Unidos resultante da leitura das narrativas veiculadas pelos livros didáticos. Além disso, foram realizados questionários com os alunos de 6º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio, com o objetivo de comparar as imagens mentais a respeito dos Estados Unidos que eles trazem do cotidiano, ao entrarem no Ensino Fundamental, e aquela com a qual saem da escolarização básica, ao fim do Ensino Médio. Comparamos, então, esta última com a que predomina nos livros didáticos, com vistas a verificar sua influência na formação dos estudantes.

Palavras – chaves: Ensino de História; livros didáticos; História dos Estados Unidos.

Introdução/ justificativa

O ensino de história da América na Educação Básica brasileira possui uma trajetória marcada pela marginalização e por alguns paradoxos. Tendo sido obrigatório durante a ditadura militar e defendido por muitos professores “inclusive como forma de resistência política” (SILVA, 2004: 84), o ensino de temas ligados à história da América foi sendo deixado de lado nas salas de aula desde o processo de democratização e a conquista de maior autonomia por parte dos professores para a definição de seus programas. Atualmente, observa-se, inclusive, a tendência de que a história da América seja ainda mais marginalizada em detrimento da obrigatoriedade de se incluir temas ligados à história da África nos currículos escolares.

No que diz respeito especificamente à história dos Estados Unidos há um paradoxo ainda mais flagrante. Por um lado, a experiência histórica desse país – como a das demais nações do continente – não ganha um espaço significativo nos livros didáticos brasileiros. Mas, por outro lado, a inegável presença internacional da maior potência do século XX implica numa presença marcante dos Estados Unidos em diversos temas da história da América e do mundo nesse período.

Essa dupla condição – hipertrofia de sua presença internacional em face da pouca atenção dada aos processos internos – que marca a abordagem dos livros didáticos de História em relação aos Estados Unidos tende a produzir uma representação bastante específica desse país. Ao se enfatizar a faceta de potência econômica tende-se a priorizar os aspectos ligados à prosperidade e bem-estar material, relegando a segundo plano (ou mesmo ao esquecimento) as contradições, desigualdades e inclusive intolerâncias que caracterizaram a formação histórica desse país.

Como se sabe, essa representação genérica dos Estados Unidos encontra-se muito próxima daquela que é difundida pela grande mídia e que constitui a base do senso comum a respeito daquele país, de sua história e sua posição geopolítica no mundo contemporâneo. Esse estereótipo idealizado da potência do século XX caminha na contramão do desenvolvimento de boa parte da historiografia estadunidense mais recente, empenhada em desconstruir o grande “paradigma” do “excepcionalismo norte americano”, que foi hegemônico durante a maior parte do século XX. (MOURA, 1995).

Atualmente é possível perceber todo um movimento historiográfico, dentro e fora dos Estados Unidos, de crítica às antigas versões triunfalistas e “bairristas” da história norte-americana. A ênfase dessa nova historiografia tem sido justamente mostrar os paralelismos existentes entre a experiência histórica dos Estados Unidos – Independência, processo de construção do Estado nacional, etc. – e as dos demais países do continente, de forma a desmontar o discurso idealizado da excepcionalidade estadunidense. (TENORIO-TRILLO; BENDER; THELEN, 2001).

No Brasil, embora o número de historiadores nacionais que se dedicam à história norte-americana ainda seja limitado, podemos observar a existência de trabalhos

recentes em que essa nova perspectiva historiográfica tem sido assumida, permitindo, inclusive, embasar o desenvolvimento de materiais direcionados ao apoio didático. Exemplos disso são os trabalhos de KARNAL et alli, 2013; JUNQUEIRA, 2001; e AZEVEDO, 2005, entre outros.

Assim, ao contrário do que costuma ser afirmado em relação à história da América no Brasil, frisamos a existência de uma bibliografia pertinente e acessível, capaz de subsidiar adequadamente o ensino básico relativo à história dos Estados Unidos, de forma a desconstruir as simplificações que caracterizam o senso comum e consolidar uma percepção mais complexa de seus processos históricos.

No que diz respeito especificamente à questão dos manuais escolares, Rangel (1994: 184) destaca seu “significado social e pedagógico”, enquanto materiais que intervêm não apenas no ensino de conteúdos, mas igualmente na formação de valores e comportamentos, ao incidir diretamente na constituição de critérios de referência e validação de condutas sociais. Nesse sentido, o estudo das representações sociais nos livros didáticos apresenta-se como um caminho importante para a compreensão do complexo processo de formação social, ao permitir enfocar “conceitos que se formam no cotidiano das experiências (das práticas escolares), podendo constituir-se em critérios de pensamentos, interpretações, atitudes.”

No caso específico do ensino da História deve ser ressaltado que os próprios tema e objetos da disciplina implicam em que os conceitos, imagens, modos de pensamento, em suma, as representações sociais difundidas por meio do seu ensino tendam a assumir uma importância central no processo de formação de uma consciência social por parte dos indivíduos. Por isso, conforme aponta Alves-Mazzotti (2008: 20), se temos a intenção de propiciar mudanças através da educação, é necessário que conheçamos “os processos simbólicos que ocorrem na interação educativa”.

A autora destaca que “o estudo das representações sociais parece ser um caminho promissor [...] na medida em que investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos” e – ampliando-se a noção – também países e instituições, entre outros. Ainda de acordo com a autora, é o “seu papel na orientação das condutas e das práticas sociais” que faz com que as representações se tornem “elementos essenciais à análise dos mecanismos que interferem na eficácia do processo educativo.” (Alves-Mazzotti, 2008: 21).

Portanto, o cerne da pesquisa é compreender quais as representações veiculadas pelas narrativas dos livros didáticos a respeito dos Estados Unidos. Como sinalizam trabalhos como o de Galzerani (apud Rangel, 1994), os manuais escolares são produtos, mas também elementos criadores da vida social, na medida em que, inegavelmente, existe uma forte influência de seu conteúdo sobre o leitor (aluno). Já que o traço marcante da postura do estudante (devido a sua própria condição de aprendiz) é a “aceitação dos fatos e situações ‘representadas’ nos livros”, é necessária uma postura de “exame crítico dos conceitos e imagens [presentes nos livros] que podem induzir a percepções distorcidas e alienadas da realidade.” (RANGEL, 1994:181).

Em relação ao ensino de História, um dos elementos valorizados pelas Diretrizes Curriculares do estado do Paraná é justamente o combate aos estereótipos difundidos pelos meios de comunicação de massa, notadamente no que se refere à história de povos que são percebidos como “os outros” em relação ao mundo ocidental. Nesse sentido, as referidas Diretrizes enfatizam a importância da “valorização de novas narrativas históricas”, referindo-se particularmente às histórias locais, entendidas como não-européias (indígenas, africanas, etc.). (SEED-PR Diretrizes Curriculares, História, 2008: 75).

Partilhamos dessa perspectiva, assumida institucionalmente pela educação pública do estado do Paraná, mas defendemos a necessidade de ampliação da noção de “novas narrativas históricas”, de forma que ultrapasse a valorização de histórias locais não-ocidentais, para também propiciar a desconstrução de narrativas que se tornam quase “oficiais”, por consensuais, sobre as histórias dos grandes centros. Consideramos que o caso da história dos Estados Unidos, normalmente caracterizada por narrativas triunfalistas, é exemplar dessa situação.

Dessa forma, a pesquisa a ser realizada pretende contribuir – a longo prazo – para o processo de ampliação e diversificação das narrativas históricas nos livros didáticos ao voltar-se para uma etapa primordial, que é a de identificação das principais representações presentes nesses materiais.

Objetivos/ Desenvolvimento

Realizar uma análise da situação do ensino de história da América na rede pública da região do Vale do Ivaí, a partir do estudo de caso da história dos Estados Unidos, através das seguintes ações:

- Identificar a presença ou ausência de temas relativos aos processos **internos** da experiência histórica estadunidense;
- Analisar, nos livros em que esses temas sejam contemplados, quais são as abordagens utilizadas e qual a representação predominante que produzem a respeito dos Estados Unidos;
- Identificar, por meio de aplicação de questionários, as representações que os alunos trazem do cotidiano sobre os Estados Unidos, ao entrarem no 6º ano do Ensino Fundamental, e também aquelas com as quais saem da Educação Básica, após o término do 3º ano do Ensino Médio.

Foram analisadas as narrativas dos livros didáticos de Ensino Fundamental e Médio a respeito da história dos Estados Unidos com vistas a perceber que tipo de representações sobre esse país e sua história elas veiculam. Para essa análise foram selecionadas 8 coleções de livros didáticos, 3 de Ensino Fundamental e 5 de Ensino Médio, com base em sua maior utilização nas escolas da região estudada. Os livros selecionados foram:

ENSINO FUNDAMENTAL

BOULOS Jr. Alfredo. *História – Sociedade & Cidadania*. São Paulo: FTD, 2009, 1ª edição. (4 volumes).

DREGUER, Ricardo; TOLEDO, Eliete. *Novo História: conceitos e procedimentos*. São Paulo: Saraiva, 2009, 2ª edição. (4 volumes).

EDITORA MODERNA (org). *Projeto Araribá. História*. São Paulo, 2006, 1ª edição. PNLD 2008 a 2010. (4 volumes).

ENSINO MÉDIO

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2010, 2ª edição. (3 volumes)

COTRIM, Gilberto. *História Global: Brasil e Geral*. São Paulo: Saraiva. PNLD 2009 a 2011. (Volume único).

SEED-PR. *História. Ensino Médio*. Publicação da Coordenação do Livro Didático Público da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2006. (3 volumes).
VAINFAS, Ronaldo et al. *História*. São Paulo: Saraiva, 2010, 1ª edição. PNLD 2012 a 2014. (3 volumes).

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. *História Geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2011, 1ª edição. (3 volumes).

A análise das narrativas dos livros didáticos foi realizada com base no conceito de representações sociais de Serge Moscovici (2003). Segundo esse autor, as representações sociais são “fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum.” (MOSCOVICI, 2003: 49) Na realidade, elas constituem “um tipo de realidade”, que é a base do senso comum.

Consideramos os livros didáticos são fonte de representações sociais e potencialmente influenciadores na formação de percepções coletivas. O discurso do livro didático produz uma “realidade” que os alunos lêem e podem aceitar como algo real, comum ou natural. Por isso é tão necessário analisar qual a leitura de mundo é apresentada nesses materiais didáticos, quais os conceitos, imaginários e representações sociais por eles veiculadas, tendo em vista sua capacidade de conformação de uma determinada ideia da realidade entre os alunos.

Resultados e Discussão

No caso do Ensino Fundamental, apenas nos livros do 8º ano encontramos conteúdos referentes à história interna dos Estados Unidos. Nestes três livros

encontramos ao todo sete capítulos que abrangem o objetivo de nossa pesquisa. Cabe, mais uma vez, frisar que nosso interesse é entender apenas como a História interna dos Estados Unidos aparece nos livros didáticos.

Primeiramente, comentaremos sobre o livro *História*, de Cláudio Vicentino, que reserva dois capítulos para tratar da história interna dos Estados Unidos, sendo o primeiro capítulo intitulado “O Iluminismo e a Independência Norte-americana”. De início o autor faz uma definição do iluminismo e uma apresentação das ideias iluministas tanto na política como na economia. Em seguida, traz uma explicação sobre a independência das 13 colônias da América do norte, demonstrando que as mesmas foram fundadas por principalmente imigrantes ingleses, que fugiam de perseguições religiosas e política.

Nessa narrativa, portanto, apenas o motivo da perseguição religiosa é focado como tendo trazido os ingleses para a América, o que ajuda a construir a ideia, um tanto questionada pela historiografia atualmente, de que as 13 Colônias Inglesas eram “colônias de povoamento”, ao contrário das colonizações ibéricas. O problema dessa visão é que ela só explica apenas uma parte da colonização inglesa, que não foi toda ela formada por pessoas que fugiam de perseguição religiosa, mas também de pessoas que vinham em busca de uma vida melhor, tendo em vista a difícil situação econômica da Inglaterra no século XVII. Além disso, a colonização inglesa, desde o início, foi realizada como um amplo empreendimento comercial, financiado por companhias particulares, como um negócio lucrativo. (KARNAL, 2013; DIVINE, 1992).

Outro elemento que a visão da “colônia de povoamento” não permite captar é a presença da escravidão negra nas colônias inglesas na América. Por fim, essa percepção incongruente da história colonial dos Estados Unidos geralmente desdobra na visão de que, ao terem sido simplesmente “colônias de povoamento”, os Estados Unidos já teriam surgido com um grau de desenvolvimento maior, se comparado com os outros países do continente.

Dando seguimento a sua abordagem, Cláudio Vicentino discorre sobre o questionamento dos colonos das 13 colônias inglesas ao domínio metropolitano. Ele explica essa situação como uma concretização das ideias iluministas. O autor também discorre, nesse capítulo, sobre a organização da República norte-americana. Descreve de forma simples as duas tendências políticas que se opunham no momento de organização de um novo Estado, as ideias de uma confederação ou de uma federação, nos marcos da Constituição, que previa o estabelecimento de um regime republicano de governo e a divisão de poder.

Um ponto interessante é o autor demonstrar que a Declaração de Independência, apesar de defender a igualdade de direitos entre todos, trouxe benefícios para uma grande parcela da população norte-americana. O autor dispõe em seu texto uma gravura do século XIX para demonstrar que a escravidão continuou presente após a Independência.

Em um segundo capítulo, intitulado “Os Estados Unidos do século XIX”, Cláudio Vicentino apresenta uma proposta interessante, que é a de investigar como os Estados Unidos conseguiram chegar à posição de maior potencia

mundial, trabalhando com a origem do país que está no capítulo anterior trabalhado. Utiliza-se de mapas que tratam da extensão do território que deu origem aos Estados Unidos, a partir das 13 colônias iniciais.

Pode-se perceber que na narrativa deste livro que o maior interesse é compreender a como os Estados Unidos se tornaram uma potência econômica. Então, a expansão para o oeste é vista como um momento chave, pois permitiu ampliar enormemente o território nacional. Mas ao tomar essa perspectiva como principal o autor deixa de lado as contradições e conflitos internos que envolveram a própria expansão, tais como a dizimação de milhares de nativos e todos os conflitos em torno da escravidão, que geraram inclusive uma guerra civil em meados do século XIX.

Já na análise feita no livro do 8º ano da Editora Moderna, *Projeto Araribá*, há três capítulos referentes ao tema em estudo. Estes capítulos apresentam uma breve abordagem sobre o tema da história interna dos Estados Unidos.

Em um primeiro momento, no capítulo intitulado “A Independência dos Estados Unidos”, é demonstrando algo semelhante ao livro tratado anteriormente, ou seja, descreve-se a Independência dos Estados Unidos como um movimento político com base nos ideais iluministas. Mas o autor não faz menção às 13 Colônias Inglesas, apenas cita pontos da declaração da Independência. Vale destacar que no livro do 7º ano, que possivelmente os alunos teriam usado, também não se encontram referências sobre as 13 Colônias Inglesas. Dessa forma, os alunos já são levados diretamente à Independência dos Estados Unidos, no século XVIII, sem um conhecimento adequado de sua história colonial.

Em um segundo momento, o livro *Projeto Araribá* discute a conquista do oeste, enfatizando que a conquista para o oeste garantiu o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos, porém significou a dizimação dos nativos. Num terceiro capítulo dedicado aos Estados Unidos, intitulado “A Guerra Civil Americana”, o livro prioriza o tema da escravidão, destacando-o como uma questão polêmica nos Estados Unidos do século XIX. Destaca a guerra civil, ocorrida entre 1861 e 1865, e enfatiza a vitória dos estados do norte, que lutavam pela manutenção da União contra os confederados escravistas. A narrativa deste livro teria sido a vitória do norte, com a unificação, que teria permitido um grande desenvolvimento econômico aos Estados Unidos.

Mais uma vez, nos chama a atenção o fato de que a história interna dos Estados Unidos seja abordada pelos livros didáticos a partir da perspectiva de explicar o desenvolvimento econômico daquele país.

No terceiro livro analisado, *História, sociedade e cidadania*, de Alfredo Boulos Júnior, dois capítulos discutem a história interna dos Estados Unidos. O primeiro deles, intitulado “A formação dos Estados Unidos”, abrange da formação da colonização inglesa ao movimento de Independência. O autor destaca que a liberdade era intitulada para todos, no entanto a cidadania era limitada tanto para os indígenas como para os negros, que continuaram sob o regime de escravidão após a Independência.

Em um segundo, intitulado “Estados Unidos no século XIX”, o autor faz menção à conquista do oeste. É interessante destacar que esse tema também aparece nos demais livros, porém apenas no de Alfredo Boulos Júnior é apresentada aos alunos a ideologia que guiou a marcha para o oeste: a crença num “destino manifesto”, a ideia de que os Estados Unidos eram predestinados pela Providência divina à expansão territorial.

O autor também discorre um pouco sobre a Guerra de Secessão, no capítulo intitulado “A Guerra Civil norte-americana”, no qual destaca que com a marcha para o oeste ficaram ainda mais visíveis as diferenças entre centro-norte e centro-sul. O autor destaca ainda que a participação dos afro-americanos escravizados foi importante para a vitória do norte e o fim da escravidão.

Em relação aos livros didáticos do Ensino Médio, das 5 coleções selecionadas apenas em 3 livros foram encontradas referências sobre a história interna dos Estados Unidos. A obra de Gilberto Cotrim, *História global. Brasil e Geral* aborda a história dos Estados Unidos, da colonização à Independência, no capítulo 12, no qual o tema ocupa um total de 8 páginas. Ao abordar o tema, a questão da escravidão é apenas mencionada de forma breve.

O segundo livro, *História das Cavernas ao terceiro milênio*, de Patrícia Ramos Braick e Miriam Becho Mota, o primeiro capítulo da obra, cujo tema é a diversidade cultural, aborda as culturas indígenas existentes na América quando da chegada dos europeus. No caso da América do Norte são destacados os índios Sioux. Acreditamos que a opção das autoras de incluir diferentes grupos indígenas em um único capítulo pode ser interessante para os alunos perceberem a diversidade existente entre várias das sociedades indígenas, facilitando romper com a noção genérica de “índios”.

Nesse mesmo livro, o capítulo 17 fala a respeito da consolidação da nação norteamericana no século XIX, enfatizando as ideias e os imaginários presentes nesse processo, bem como as políticas concretas adotadas por esse país, que passaria a ser a principal potência econômica mundial. Apesar de também priorizar a lógica comum a outros livros didáticos, como mostramos, de entender como os Estados Unidos se tornaram uma “potência” as autoras também enfatizam os paradoxos desse processo, como, por exemplo, a manutenção da escravidão por muito tempo após a Independência.

O terceiro livro em que aparecem referências à história interna dos Estados Unidos é *História*, volume 2, livro produzido por vários historiadores da Universidade Federal Fluminense, sob a coordenação de Ronaldo Vainfas.

No capítulo intitulado “Revoluções nas Américas”, o livro aborda as ideias revolucionárias da Independência das 13 Colônias Inglesas, a primeira independência de uma ex-colônia na América. A ênfase é colocada na Declaração de Independência. Neste mesmo capítulo são abordadas a Revolução do Haiti, as independências hispanoamericanas, a figura de Bolívar e seu ideal americanista.

Já no capítulo 12, “As Repúblicas das Américas”, explica as guerras que se opuseram um modelo de sociedade liberal e capitalista a outro, aristocrático e escravista. Trata tanto dos conflitos latino-americanos quanto da Guerra Civil estadunidenses, que foram conflitos que ocorreram na mesma época. Assim, os autores destacam o século XIX como um tempo difícil, um período de redefinição dos Estados Nacionais nas Américas.

Destacamos que essa abordagem, de estudar o processo histórico de formação dos Estados Unidos no século XIX juntamente com o processo análogo dos países hispanoamericanos, permite entender que a formação dos Estados Unidos também envolveu problemas, conflitos e guerras, como a dos demais países. Essa abordagem favorece a compreensão da história daquele país como *uma* história entre outras, ao deixar de destacar o aspecto de “potência econômica”, que aparece na maioria dos livros didáticos, como temos destacado.

Outro ponto interessante do livro coordenado por Vainfas é que ele traz como complemento os nomes de alguns livros e filmes que tratam dos assuntos abordados. Além disso, o livro utiliza-se de muitas imagens, que trazem a devida fonte, estimulando o aluno a se aprofundar mais no assunto.

A questão das imagens nos livros deve ser ressaltada. O que podemos perceber é que a presença de imagens, apesar de ser uma constante nos livros analisados, é utilizada quase sempre como uma simples ilustração dos conteúdos dos textos, e não tratadas propriamente como fontes para a produção de conhecimento histórico.

O segundo momento da pesquisa envolveu a aplicação de questionários aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Médio. Os questionários foram aplicados sem a identificação nominal dos alunos.

No caso do Ensino Fundamental, queríamos identificar qual a imagem mental que eles apresentavam dos Estados Unidos ao entrarem no Ensino Fundamental. Foram aplicados questionários em turmas de 6º ano das seguintes escolas: Colégio Estadual Idália Rocha, Colégio Estadual Barão do Cerro Azul, Colégio Estadual Anita Garibaldi, Colégio Estadual Dom Pedro I e no Colégio Benedito Serra. Estas escolas estão localizadas nas cidades de Ivaiporã, Jardim Alegre e Lidianópolis, na região do Vale do Ivaí, no Paraná. Ao todo, 309 alunos que cursam o 6º anos nos períodos matutino e vespertino responderam ao seguinte questionário:

1. Você já ouviu falar dos Estados Unidos? () Sim () Não

2. Você sabe onde fica?

() na África () na Europa () na América

3. Como você imagina que é o país Estado Unidos? (pode marcar quantas opções quiser)

() bonito () feio () rico () pobre () grande () pequeno

4. O que você conhece da cultura dos Estados Unidos? (pode marcar quantas opções quiser)

- música filme jogos de videogame e computador
 comida roupas esportes

Listamos abaixo o resultado quantitativo deste questionário e, em seguida, realizamos uma análise sobre as respostas.

Questão 1: a imensa maioria dos alunos, 94%, respondeu já ter ouvido falar do país Estados Unidos. Apenas 6% responderam nunca ter ouvido falar do país.

Questão 2: a maioria, 69% , respondeu corretamente, que o país está localizado no continente americano. Uma quantidade razoável dos alunos, 24% do total, pensam que os Estados Unidos estão localizados na Europa, enquanto apenas 7% o identificam como sendo um país da África.

Questão 3: Dos adjetivos apresentados, o que mais foi marcado pelos alunos como sendo característico dos EUA foi “grande”, com a porcentagem de 85%. Logo em seguida, vieram os adjetivos “rico”, com 78% e “bonito” com 76%. Lembremos que nessas duas últimas questões os alunos tinham a opção de marcar mais de uma alternativa.

Os adjetivos negativos foram os menos escolhidos pelos alunos para se referir aos Estados Unidos. Apenas 6% acham que se trata de um país “pequeno”; 4,8% o imaginam como um país “pobre” e 4,5% como um país “feio”.

Questão 4: Também nessa pergunta os alunos podiam marcar quantas opções quisessem em relação ao que conhecem e gostam da cultura norte-americana. As opções mais selecionadas foram “filmes” e “músicas”, que foram marcadas por 73% e 72% dos alunos respectivamente. A opção “esportes” foi marcada por 56,6% dos alunos; “jogos de videogame e computador” foram selecionados por 49%; “roupas” por 39% e “comida” por 36% dos 309 alunos que responderam ao questionário.

Apesar de se tratar de uma amostra quantitativa relativamente pequena, as respostas dadas ao questionário permitem observar que boa parte dos alunos, ao entrar no Ensino Fundamental, já trazem uma imagem muito positiva dos Estados Unidos e que conhecem e gostam de vários elementos da cultura desse país. Isso possivelmente tem relação com a enorme presença internacional desse país, algo que é amplamente divulgado pela mídia. Além disso, o conhecimento e apreciação de elementos culturais norte-americanos possivelmente se relaciona com a presença marcante dos mesmos no Brasil, tais como os filmes, músicas e esportes, entre outros.

Podemos observar também que a maioria dos alunos que responderam ao questionário, estando no início do 6º ano do Ensino Fundamental, já apresenta um conhecimento adequado da localização geográfica dos Estados Unidos no continente americano. Possivelmente isso tem relação com o fato de os estadunidenses serem normalmente identificados como “americanos”. Mesmo assim, é interessante observar que uma quantidade significativa dos alunos,

cerca de ¼ do total, pensa que os Estados Unidos é um país europeu. Essa percepção certamente tem relação com a imagem predominantemente positiva associada à Europa, o que pode ser facilmente percebido através das percepções positivas (principalmente aquela associada à riqueza) com as quais a grande maioria dos alunos mostrou identificar os Estados Unidos.

Essas respostas nos permitem perceber que o tema da prosperidade material é o principal elemento da representação social dos Estados Unidos que os alunos trazem do seu cotidiano, ao entrarem no Ensino Fundamental. E quando comparamos essa situação com a forma que a história dos Estados Unidos aparece nos livros didáticos, observamos que a ênfase na ideia de “potência econômica” tende a ser reforçada pelas narrativas que estudam o desenvolvimento histórico daquele país com vistas a entender como o mesmo se tornou uma “potência”. Como já destacamos, essa é a principal perspectiva encontrada na leitura dos livros analisados.

Na sequência apresentamos os resultados do questionário aplicado a alunos do 3º ano do Ensino Médio. Ao todo, 239 alunos do 3º ano do Ensino Médio responderam ao seguinte questionário:

1. Marque os temas relativos à história dos Estados Unidos que você se lembra de ter estudado:

- Colonização – as 13 colônias inglesas na América do Norte
- Independência dos Estados Unidos da América, em 1776
- Escravidão negra e Guerra de Secessão
- A participação dos Estados Unidos nas Guerras Mundiais e na Guerra Fria
- O movimento dos negros norte-americanos pelos Direitos Civis nos anos 60

2. Em comparação com o Brasil, você considera que a história dos Estados Unidos apresenta:

- Várias semelhanças, como a origem colonial europeia e o predomínio das escravidão africana até a segunda metade do século XIX.
- Apenas diferenças, pois os Estados Unidos são um país que possui uma das maiores economias mundiais, enquanto o Brasil é um país subdesenvolvido.

3. O que você conhece e “curte” da cultura norte-americana:

- música filmes e seriados de TV jogos de videogame e computador
- comida roupas esportes

4. Se você tivesse oportunidade, gostaria de viver nos Estados Unidos? Por quê? (Responda esta questão no verso da folha).

O questionário foi aplicado a 239 alunos do 3º ano do Ensino Médio em 5 colégios nas cidades de Ivaiporã, Lidianópolis e Jardim Alegre. Os resultados obtidos foram:

Questão 1: O tema mais lembrado pelos alunos foi exatamente aquele relativo não à história interna do país, mas a sua atuação internacional: a “participação

dos Estados Unidos nas Guerras Mundiais e na Guerra Fria”, que foi marcada por 92,5% dos alunos.

O tema das 13 Colônias Inglesas foi marcado por 42,6% dos alunos; o da escravidão e da Guerra Civil por 34% e o da Independência dos Estados Unidos por 32%. Já o tema menos lembrado pelos alunos foi o “movimento dos negros norte americanos pelos Direitos Civis”, que foi lembrado por apenas 24,5% dos alunos que responderam o questionário.

Questão 2: Nessa questão, que visava detectar se os alunos identificavam que os Estados Unidos haviam sido um país de origem colonial e que havia mantido a escravidão, assim como o Brasil, durante boa parte do século XIX, apenas 24% respondeu adequadamente. A grande maioria, ou seja, 76%, optou pela resposta de que não havia semelhanças entre as histórias dos dois países, visto ser os Estados Unidos uma grande potência e o Brasil um país subdesenvolvido. Essa opção se relaciona muito bem com as respostas dadas à questão 1, já que a imensa maioria dos alunos se recorda das participações, sempre exitosas, dos Estados Unidos nas Guerras Mundiais e na Guerra Fria, mas poucos se recordam da existência de discriminação em relação aos negros no mesmo país durante boa parte do século XX.

Questão 3: Sobre o conhecimento e apreciação da cultura norte-americana, o item mais assinalado nas respostas foi “filmes”, com 92%; em seguida “músicas”, com 81%. O item “roupas” foi assinalado por cerca da metade dos alunos, 52%. Os itens “jogos de videogame e computador” e “esportes” foram marcados por 46% dos alunos e o item “comida” por 42%.

É interessante observar que alguns itens como os jogos virtuais e mesmo comidas como hot dog, sandwich, etc., que são elementos tão presentes no cotidiano dos adolescentes brasileiros, foram menos assinalados pelos alunos do que os filmes e as músicas. Possivelmente no caso destes dois últimos a identificação imediata à língua inglesa tenha facilitado a associação por parte dos alunos à cultura americana.

Questão 3: Nessa última questão, que perguntava sobre a vontade ou não de viver nos Estados Unidos, a maioria, 65%, respondeu que sim. Entre as justificativas, as mais utilizadas foram as relacionadas com o tema de “oportunidades”, tais como “um bom lugar para trabalhar” e um lugar para “se dar bem na vida”; muitos afirmaram que se tratava de um país onde se poderia “dar bem melhor que no Brasil”. Uma justificativa pouco lembrada, mas mencionada por alguns por aqueles que gostariam de viver nos Estados Unidos, foi a de “aprender o idioma”. Dos 35% que responderam que, mesmo se tivessem oportunidades, não gostariam de viver nos Estados Unidos, vários afirmaram simplesmente que “não gostam do país”; alguns que não queriam viver em outro país porque tinham “orgulho do Brasil” e uma pequena parte afirmou que “não se acostumaria lá”, nos Estados Unidos.

Conclusões

As respostas dadas pelos alunos às perguntas dos questionários apontam para uma representação positiva dos Estados Unidos, identificado como uma “potência econômica” e, portanto, um lugar para “se dar bem na vida”. Essa percepção se relaciona claramente com os conteúdos da disciplina História mais lembrados pelos alunos a respeito dos Estados Unidos: sua participação internacional no mundo contemporâneo, tanto nas Guerras Mundiais quanto na Guerra Fria

Como nossa análise da narrativa dos livros demonstrou, existe uma defasagem dos conteúdos referentes a história interna dos Estados Unidos, principalmente no que diz respeito a temas como a escravidão negra e as políticas segregacionistas posteriores ao fim da escravidão, que perduraram até a segunda metade do século XX. Essa defasagem permite compreender, por exemplo, porque a minoria dos alunos que responderam o questionário, ao sair do 3º ano do Ensino Médio, não consegue encontrar semelhanças históricas entre Brasil e Estados Unidos no que diz respeito à questão racial. A grande maioria vinculou o passado colonial e escravista do Brasil ao signo de inferioridade “subdesenvolvido”, mas não conseguiu identificar que esses elementos também fizeram parte da história da “potência econômica”, Estados Unidos.

Como mostramos, as narrativas dos livros, em geral, não favorecem a percepções mais complexas, tais como o fato de que os Estados Unidos só se tornaram uma potência econômica no século XX; que tiveram um passado colonial e escravista semelhante ao de outros países, como o próprio Brasil, e que esse passado continua impregnando a vida norte-americana, como mostram os dados sociais do país, onde a os negros se encontram em situação de maior pobreza e menos acesso a recursos básicos, como a educação; e que, portanto, o fato de um país possuir bons índices econômicos não significa uma história isenta de tensões, conflitos e paradoxos e muito menos que os benefícios da riqueza material sejam bem distribuídos entre seus habitantes.

Referências Bibliográficas:

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações sociais: aspectos teóricos e Aplicações à educação. *Múltiplas Leituras*, Universidade Metodista de São Paulo, vol. 1. nº 1, jan-jun, 2008, p. 18-43.

AZEVEDO, Cecília. Sob fogo cruzado: a política externa e o confronto de culturas políticas nos Estados Unidos. In: GOUVÊA, Maria de Fátima; BICALHO, Maria Fernanda B.; SOIHET, Raquel. *Culturas Políticas: ensaios da história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005.
DIVINE, Robert. *América, passado e presente*. São Paulo: Nórdica, 1992.

JUNQUEIRA, Mary A. *Ao sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000. _____. *Estados Unidos: a consolidação da nação*. São Paulo: Contexto, 2001.

KARNAL, Leandro et ali. *História dos Estados Unidos, das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2013.

KOLING, Paulo José. O ensino de História da América na educação básica: reflexões a partir de livros didáticos e obras utilizadas em escolas públicas no Oeste do Paraná. *Anais do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*, Vitória-ES, 2008.
<http://anphlac.fflch.usp.br/sites/anphlac.fflch.usp.br/files/paulo_koling.pdf>

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

RANGEL, Mary. Representação e leitura crítica do mundo nos livros didáticos. *Em Aberto*. Brasília, ano 14, nº 61, jan-mar, 1994, p. 176-185.

TENORIO-TRILLO, Mauricio; BENDER, Thomas; THELEN, David. Caminhando para a "desestadunização" da história dos Estados Unidos: um diálogo. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 27, 2001, p. 9-30.

